

Construção dos *ethè* em discursos políticos em Portugal e no Brasil: um estudo comparativo

PITA, SARA
saratopete@ua.pt

Doutoranda em Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade Nova de Lisboa, Portugal

PINTO, ROSALICE
rpinto@fcsh.unl.pt

Doutora em Linguística pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
ethos;
atos de fala;
responsabilidade
enunciativa;
mensagens final de ano
políticas.

RESUMO: A noção de *ethos* foi abordada por Aristóteles nos seus estudos retóricos e, desde então, vários teóricos recuperaram o conceito nos seus estudos linguístico-textuais e discursivos. Ducrot abordou a noção de *ethos* a propósito da distinção entre locutores λ e L. Maingueneau associa o *ethos* ao estatuto do locutor e ao processo de legitimação daquilo que diz. Charaudeau relaciona também o *ethos* com o locutor, interligando-o às representações sociais, morais e ideológicas deste. Esta contribuição, que corresponde a um recorte da tese de doutoramento, pretende identificar os *ethè* construídos em mensagens políticas de final de ano de estadistas de Portugal e do Brasil de 2011 e 2012 e analisar a sua materialidade linguístico-textual. Para atingir este objetivo, realizou-se uma análise linguística centrada nos atos de discurso, nas marcas de Responsabilidade Enunciativa (Adam, 2008) e nas estruturas léxico-textuais utilizadas.

Os resultados preliminares indicam a existência de *ethè* específicos a cada estadista, bem como de *ethè* comuns, os quais apresentam similitudes e diferenças relativamente à materialização linguística. Em face destes resultados, coloca-se a hipótese das diferenças, quer dos *ethè*, quer da materialidade, se deverem a questões culturais.

KEYWORDS:
ethos;
speech acts;
enunciative responsibility;
“year-end” political
messages.

ABSTRACT: The concept of *ethos* was initially used by Aristotle in his rhetorical studies. Since then, several authors recovered the concept in their linguistic-textual and discursive studies. Ducrot addressed the notion of *ethos* concerning the distinction between speakers λ and L. Maingueneau associates the *ethos* to the speaker's statute and to the process of legitimating what it says. Charaudeau also relates *ethos* with the speaker, linking it to his social, moral and ideological representations.

This contribution, corresponding to an excerpt of a doctoral thesis, aims at identifying the *ethè*

built by Portuguese and Brazilian statesmen in the “year-end” political messages of 2011 and 2012 and analyze its linguistic and textual materiality. To achieve this goal, we conducted a linguistic analysis focused on speech acts (Searle), on Enunciative Responsibility marks (Adam, 2008) and on lexical-textual structures.

Preliminary results indicate the existence of specific *ethè* of each statesman, as well as common *ethè*, which have similarities and differences regarding the linguistic realization. Given these results, raises the hypothesis of these differences, whether of *ethè* or materiality, are due to cultural issues.

1. INTRODUÇÃO

A noção de *ethos* (*ethè* no plural) remonta aos estudos retóricos aristotélicos, nos quais se apresentava uma tríade discursiva, constituída pelo *ethos* (a imagem construída pelo orador), o *pathos* (as emoções suscitadas junto do auditório) e o *logos* (a razoabilidade dos argumentos apresentados). Não obstante a importância dos outros vértices, esta contribuição centrar-se-á no estudo do *ethos* que constitui um elemento fundamental para o sucesso de um discurso, pois diz respeito aos traços de carácter que o orador mostra, por meio do discurso, ao seu destinatário para causar boa impressão e para o convencer (Barthes, 2009). Seguindo a perspectiva deste autor, o *ethos* constitui o resultado de um posicionamento ou de uma figuração do orador com a finalidade de persuadir ou criar empatia no auditório. Para tal, o orador constrói ou personifica, ao longo de um discurso, diversas imagens que pretendem corresponder às expectativas e representações do auditório.

Os traços do orador e os papéis que personifica ao longo de um discurso influenciam, seguramente, a forma como é percebido e recebido pelo auditório (Perelman & Tyteca, 1999). Vários autores consideram que existe uma relação de reciprocidade entre os intervenientes no processo comunicativo, pelo que é imperativo, aquando da construção do discurso, respeitar os comportamentos e as crenças do auditório (Kerbrat-Orecchioni, 1998; Maingueneau, 2006; Charaudeau, 2013).

Na procura pelo entendimento das diferentes imagens mobilizadas pelo orador, procedeu-se ao estudo da tipologia desenvolvida por Charaudeau, a partir de discursos políticos franceses, na qual são discriminadas duas grandes categorias, os *ethè* de credibilidade (de cariz racional) e os *ethè* de identificação (de cariz emotivo). Na primeira categoria, enquadram-se as imagens que revelam a sinceridade, a eficácia e os valores morais; a segunda categoria inclui imagens que pretendem gerar empatia e persuadir, sendo para tal necessário que o público se reveja e se identifique com o orador, com a sua causa e com o seu programa, e tal sucede se se tiverem em consideração os ideais de referência do público.

1. Adam (2008: 61) pontua que existem cinco níveis ou planos de análise textual, de entre eles estes dois que serão privilegiados ao longo deste trabalho.

A presente contribuição, que corresponde a um recorte da tese de doutoramento em curso, tem como primeiro objetivo identificar os elementos linguísticos que pontuam os textos do *corpus*, nomeadamente as marcas de responsabilidade enunciativa e os tipos de atos ilocutórios encontrados¹, os quais concorrem para a construção dos *ethè*. A seleção dos critérios linguísticos indicados relaciona-se com a importância do locutor da enunciação, uma vez que a escolha dos argumentos e das palavras, a organização destes no discurso, o ponto de vista do locutor e a forma como se apresenta ao mundo, tornam o seu carácter aceitável ou desagradável aos olhos do destinatário. O *corpus* de análise desta contribuição é constituído por 4 mensagens de final de ano, pronunciadas por chefes de governo de Portugal e do Brasil, em 2011 e 2012.

Na primeira parte deste trabalho, far-se-á um levantamento teórico sobre a noção de *ethos*, pontuando a perspectiva aqui adotada, e de seguida proceder-se-á à apresentação e discussão da materialidade linguística observada e dos *ethè* presentes nos textos do *corpus*.

2. O CONCEITO DE *ETHOS*

O *ethos* corresponde às qualidades morais que o orador transmite por via do seu discurso, facto considerado por Aristóteles como a mais persuasiva das provas.

On persuade par le caractère (*ethos*), quand le discours est de nature à rendre l'orateur digne de foi (*axiopiston*), car les honnêtes gens nous inspirent confiance (*pisteuomen*) plus grande et plus prompte sur toutes les questions en général, et confiance entière (*pantelôs*) sur celles qui ne comportent point de certitude (*akribes*) et laissent une place au doute [...] c'est le caractère qui, peut-on dire, constitue presque le plus efficace des preuves. (Aristóteles, apud Cornilliat & Lockwood, 2000: 16)

Desde então, o conceito tem sido abordado em diversos estudos, embora aqueles que maior interesse nos suscitem sejam os que vinculam o *ethos* a uma análise linguístico-textual. Por esse motivo, enunciam-se de seguida os grandes teóricos que, em diversos campos, conduziram análises desta ordem.

Ducrot (1984), no domínio da semântica pragmática, recuperou o conceito, observando a instância discursiva do enunciador. Este autor associa o *ethos*, na teoria polifónica, ao locutor L (locutor enquanto ser discursivo) para destacar a diferença teórica em relação a λ (locutor ser do mundo). Ao contrário do que vinha a ser defendido até ao momento, Ducrot não só enfatizou a importância da instância discursiva, como também explorou a existência no discurso de um ou vários enunciadores que correspondem aos vários pontos de vista dos acontecimentos.

Dans ma terminologie, je dirai que l'ethos est attaché à L, le locuteur en tant que tel : c'est en tant qu'il est source de l'énonciation qu'il se voit affublé de certains caractères qui, par contrecoup, rendent cette énonciation acceptable ou rebutant.
(Ducrot, 1984: 201)

Amossy (2005) considera que a construção de imagens de si advém da necessidade de o orador se adaptar e cativar o seu auditório, de modo a apresentar-se como um indivíduo confiável. A adaptação aqui mencionada significa que o orador, sobretudo o político, considera, no momento de produção do seu discurso, as representações sociais e discursivas do seu auditório, para, deste modo, poder corroborar, desmistificar ou dizimar as imagens prévias construídas pelo seu eleitorado. Esta pré-conceptualização do orador por parte do auditório, a que Amossy (2005) deu o nome de *ethos* prévio, consiste na imagem ou nas expectativas que o auditório constrói sobre o enunciador previamente ao discurso. Assim sendo, todo o discurso é concebido a partir da imagem prévia do orador criada pelo auditório e nos valores, crenças e ideias da comunidade a que o discurso se destina.

...la construction discursive de l'éthos se fait au gré d'un véritable jeu spéculaire. L'orateur bâtit son image propre en fonction de l'image qu'il se fait de son auditoire, c'est-à-dire des représentations de l'orateur fiable et compétent qu'il croit être celles du public. (Amossy, 1999: 133)

Em resumo, para Amossy, a construção do *ethos* é um processo complexo que implica não só o recurso ao seu estilo pessoal, às suas competências linguísticas, aos seus saberes enciclopédicos e às suas crenças, mas também aos valores e aos ideais do auditório.

Por seu turno, no campo da análise do discurso, Maingueneau (2008) aborda as noções de *ethos*, cena e cenografia em diferentes textos, desde o argumentativo ao publicitário. Para o autor, o *ethos* está presente tanto no discurso oral, como no escrito, porque ele existe devido às escolhas linguístico-textuais de um sujeito real.

Tout discours oral ou écrit suppose un éthos : il implique une certaine représentation du corps de son garant, de l'énonciateur qui en assume la responsabilité. Sa parole participe d'un comportement global (une manière de se mouvoir, de s'habiller, d'entrer en relation avec autrui...). On lui attribue ainsi un caractère (jovial, sévère, sympathique), et une corporalité (un ensemble de traits physique et vestimentaires). (Maingueneau, 1996: 40)

Maingueneau considera que o *ethos* se relaciona com o conceito de cena enunciativa, isto é, com as circunstâncias discursivas, quer sejam questões culturais, hierárquicas ou espaciais, que suportam a circulação dos enunciados e com cenografia (a enunciação) e insere-se em determinado género (cena genérica), condicionando os papéis, os lugares, o suporte e o modo de circulação dos enunciados. Maingueneau faz a distinção entre *ethos* pré-discursivo², construído a partir das representações existentes sobre aquele enunciador, e *ethos* discursivo, criado textualmente, que pode corroborar ou refutar essas pré-conceitualizações.

Adam (2008) estuda a relação entre *ethos*, *logos* e *pathos*, focando-se na análise pragmática de conetores argumentativos, de atos de discurso e das marcas pessoais da enunciação. Este autor defendeu, em 2001, a existência de oito componentes do género, de entre os quais se destaca o componente enunciativo que integra para além do grau de responsabilização dos enunciados, também a identidade e a implicação dos co-enunciadores (*ethos* e *pathos*).

Por fim, Charaudeau (2013) considera que o *ethos* corresponde ao sujeito discursivo e, como tal, está intrinsecamente relacionado não só com os seus imaginários sociodiscursivos, como também com os do público, logo a construção das imagens depende das representações sociais, morais e ideológicas deste. Esta relação foi tida em consideração aquando da construção da sua tipologia para identificação das categorias de *ethos* presentes em discursos políticos, pois como o próprio refere:

2. Corresponde ao *ethos* prévio de que fala Amossy (1999).

No domínio político, a construção das imagens só tem razão de ser se for voltada para o público, pois elas devem funcionar como suporte de identificação, via valor comuns desejados. O *ethos* político deve, portanto, mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que deve atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito. O *ethos* é como um espelho no qual se refletem os desejos uns dos outros. (Charaudeau, 2013: 87).

Segundo esse autor, os *ethè*, dentro do discurso político, dividem-se em duas grandes categorias, *ethè* de credibilidade e de identificação, divididas, por seu turno, em subcategorias. A primeira integra as imagens de virtude, de competência e de seriedade; enquanto a segunda, é composta pelas imagens de caráter, potência, inteligência, humanidade, chefe e solidariedade.

No panorama português, vários estudiosos têm integrado a noção de *ethos* nos seus estudos. A título de exemplo, recupera-se o trabalho desenvolvido por Menéndez (2006) sobre a análise do poder argumentativo de Salazar nos discursos proferidos em público pelo ditador durante os onze anos em que liderou Portugal. De acordo com a autora, Salazar utilizou o *ethos* enquanto estratégia retórica para manipular o seu auditório, mas sem o mascarar, pois tornava propositadamente o “público consciente desta manipulação” (2006: 3).

Marques também abordou a questão das imagens discursivas dos interlocutores presentes em debates eleitorais (2005), bem como a construção do *ethos* de arrogância nos discursos políticos parlamentares (2008), o qual, segundo a própria, é condicionado pelas características do género textual. No primeiro trabalho, Marques pretende expor a influência do *ethos* discursivo e do *ethos* pré-discursivo na eficácia persuasiva de um debate; no segundo, evidencia os problemas que a arrogância pode acarretar para a face dos interlocutores.

Por fim, Pinto destaca-se pelos estudos que encetou sobre argumentação em vários géneros textuais, nomeadamente o político, o editorial e o judiciário, nos quais discute o poder persuasivo do *ethos* (enunciador) e do *pathos* (co-enunciador). Segundo Pinto (2010: 251), a argumentação corresponde a todos os recursos linguísticos e não linguísticos utilizados em géneros persuasivos para que determinada tese seja acatada/aceite. Nesse sentido, os argumentos não

são suficientes para atingir o objetivo central dos géneros persuasivos (convencer outrem de algo ou a fazer algo); é também necessário conferir àquele que fala uma aura de credibilidade. Neste sentido, o locutor socorre-se de múltiplas imagens de si, em função do destinatário, do contexto da situação comunicativa e do objetivo da enunciação, às quais Pinto dá o nome de engrenagem enunciativa ampliada (EEA).

Essas modulações de *ethè* (...) constituem a engrenagem enunciativa ampliada – EEA – e, partimos da hipótese de que essa flutuação imagística pode conferir ao texto um maior ou menor poder persuasivo (Pinto, 2010: 252)

No caso do género persuasivo político, Pinto procedeu à análise de alguns *outdoors* e identificou, a título de exemplo, os seguintes *ethè*: engajado, comentarista crítico, moderno / dinâmico / patriótico / agressivo e autoritário, coeso.

Neste trabalho, o *ethos* deve ser entendido como o resultado das escolhas linguístico-textuais, que permitem construir as várias figuras nas quais o orador se desdobra para criar empatia com o seu auditório.

3. SUPORTE TEÓRICO PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA

O estudo linguístico efetuado no âmbito desta contribuição para identificação dos *ethè* incidiu exclusivamente sobre duas categorias de análise: as marcas de responsabilidade enunciativa e os tipos de atos ilocutórios de discurso.

Relativamente à responsabilidade enunciativa (RE), esta define-se como a (não) assunção de um texto por parte de um locutor ou, por outras palavras, a existência, num mesmo texto, de pontos de vista individuais ou coletivos, caso se atribuam a certas entidades ou pessoas a responsabilidade do enunciado. Nos estudos de Adam (2008), a proposição-enunciado, unidade de análise textual, é constituída por três dimensões interdependentes: a responsabilidade enunciativa ou ponto de vista que fornece informações sobre o valor de verdade ou de falsidade

do enunciado; a representação discursiva que diz respeito à reconstrução pelo interlocutor do enunciado, avaliando a sua validade; e, derivando do peso da validade aferido anteriormente, o valor argumentativo e ilocucionário do enunciado. Portanto, nas palavras de Adam,

... toda a representação discursiva [Rd] é a expressão de um ponto de vista [PdV] (relação [A] – [B]) e que o valor ilocucionário derivado da orientação argumentativa é inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significativa (relação [C1]-[B]). (2008: 113)

Posto isto, a RE pode ser marcada linguisticamente por:

- Índice de pessoas: pronomes pessoais, pronomes possessivos, apóstrofes, morfemas de pessoa nas formas verbais.
- Deícticos espaciais e temporais;
- Tempos verbais: presente, pretérito perfeito do indicativo; futuro imperfeito ou perifrástica de futuro;
- Modalidades: epistémica, deôntica, apreciativa;
- Modos de representação da fala: Discurso direto;
- Indicações de suporte de percepções e de pensamentos relatados.

Para a análise dos tipos de atos ilocutórios tomou-se como referente a tipologia concebida por Searle (1981).

Atos ilocutórios	Definição	Marcas Linguísticas
Assertivo	Revela compromisso do locutor em relação à verdade ou à falsidade do enunciado.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Frases declarativas afirmativas ou negativas; ▪ Expressões verbais.
Compromissivo	Assume a intenção de realizar, no futuro, a ação proferida no enunciado.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verbos com valor diretivo; ▪ Expressões volitivas; ▪ Formas verbais no imperativo.
Diretivo	Conduz o alocutário a fazer ou a dizer algo expresso no enunciado.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verbos compromissivos; ▪ Formas verbais no futuro do indicativo ou seus substitutos.
Expressivo	Apresenta o estado psicológico do locutor relativamente ao que é dito no enunciado.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verbos expressivos; ▪ Expressões verbais com valor apreciativo; ▪ Expressões exclamativas com adjetivos valorativos, advérbios e verbos afetivos.
Declarativo	Institui uma nova realidade ou alteram a pré-existente através do próprio enunciado. Tal ocorre quando o locutor tem poder ou autoridade para alterar um estado de coisas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verbos declarativos.

4. CORPUS DE ANÁLISE

O *corpus* de análise é constituído por quatro Mensagens de Final de Ano, correspondendo aos pronunciamentos proferidos em 2011 e 2012 pelos chefes de governo de Portugal e do Brasil, respetivamente pelo Primeiro-Ministro, Pedro Passos Coelho, e pela Presidente da República, Dilma Rousseff. O *corpus* aqui utilizado integra um mais vasto que faz parte do material empírico recolhido no âmbito do doutoramento em Linguística, composto por catorze Mensagens de Final de Ano (de 2008 a 2014) proferidas pelos responsáveis pelo executivo político, correspondendo em Portugal ao Primeiro-Ministro e no Brasil ao Presidente da República em virtude das diferenças do sistema político (república democrática semipresidencialista e república federal presidencialista, respetivamente).

Estas Mensagens de Final de Ano são transmitidas, em direto, pelos meios de comunicação televisivos e, *a posteriori*, divulgadas na íntegra ou parcialmente pela imprensa escrita. De ressaltar que para o estudo apresentado nesta contribuição apenas se analisaram as mensagens em formato escrito, as quais foram recolhidas nos sítios oficiais do governo, <http://www.portugal.gov.pt/> e <http://www2.planalto.gov.br>.

Por uma questão de organização e apresentação dos dados, as mensagens foram catalogadas com o seguinte código: abreviatura do país e ano de divulgação (ex.: PT2011). Para a análise não foi determinante o ator político, pelo que o seu nome não constou desta codificação.

De seguida, falar-se-á brevemente sobre a situação política dos dois países em 2011 e 2012, depois definir-se-á o género discursivo mensagens de final de ano e, por fim, apresentar-se-á a análise linguístico-textual dos textos do *corpus*.

4.1. A SITUAÇÃO POLÍTICA EM PORTUGAL E NO BRASIL EM 2011 E 2012

A 21 de junho de 2011, Pedro Passos Coelho assumiu a liderança do XIX Governo Constitucional de Portugal, após eleições legislativas antecipadas. Tal ocorreu, devido ao pedido de

demissão do anterior Primeiro-Ministro José Sócrates, a 23 de março de 2011, em virtude da rejeição por parte dos deputados da Assembleia da República do IV Programa de Estabilidade e Crescimento, facto que conduziu ao pedido de ajuda financeira de Portugal ao Fundo Europeu. Nas eleições legislativas de 5 de junho de 2011, o PSD, encabeçado por Passos Coelho, ganhou com maioria relativa o que obrigou à formação de uma coligação com o CDS – Partido Popular.

Quanto à situação política brasileira, a 1 de janeiro de 2011, Dilma Rousseff assumiu a Presidência da República Federativa do Brasil, após ter sido escolhida pelo Partido Trabalhista para suceder a Lula da Silva. Durante a presidência de Lula, Dilma Rousseff havia chefiado o Ministério de Minas e Energia e a Casa Civil³, mas a sua eleição para a Presidência representou um marco histórico na governação brasileira, uma vez que foi a primeira mulher a ser eleita para chefe de estado e de governo. Dilma Rousseff chega ao poder numa fase em que Lula da Silva tinha conseguido manter a estabilidade económica, promover o crescimento do país e reduzir as diferenças sociais. Apesar destes aspetos positivos, houve algumas situações durante o governo de Lula que afetaram a imagem do governo trabalhista, nomeadamente o escândalo do “mensalão”⁴.

Partindo deste contexto, as “mensagens de ano novo” analisadas neste trabalho correspondem aos primeiros anos de governação dos governos de ambos os países, facto que pode justificar as diferenças estruturais e argumentativas dos textos e, conseqüentemente, os *ethè* construídos.

4.2. GÉNERO DISCURSIVO MENSAGEM DE FINAL DO ANO

A questão genérica tem vindo a ser trabalhada por diversos autores, porém, nesta contribuição, deter-nos-emos na posição de Adam (2008), a partir dos estudos sociodiscursivos que desenvolve. Segundo este autor, o género discursivo emerge das múltiplas práticas sociais, inseridas dentro de formações discursivas. Neste sentido, considera que os géneros existem em

3. A Casa Civil é um órgão diretamente ligado ao chefe do poder executivo de uma federação ou de uma unidade da federação.

4. O Mensalão refere-se ao escândalo que envolveu alguns integrantes do governo de Lula da Silva, em 2005 e 2006, e que disse respeito à compra de votos parlamentares no Congresso Nacional do Brasil.

número elevado e evoluem constantemente, motivo pelo qual se focou na análise das sequências textuais que constituem os géneros. Seguindo a linha de Bakhtin, Adam teoriza que os géneros são limitados discursivamente, porque dependentes da prática discursiva, facto que afeta as escolhas linguístico-textuais. Sendo assim, a questão genérica não pode ser entendida sem a consideração das condições de produção do texto.

Num artigo publicado em 2001, Adam defende a existência de regularidades nos géneros pertencentes a uma determinada prática sociodiscursiva. Para as observar, devem ser considerados os seguintes componentes genéricos (Adam, 2001:40-41, apud Pinto, 2010): semântico, enunciativo, pragmático, estilístico e fraseológico, composicional, material, peritextual e metatextual. O componente enunciativo, aqui privilegiado, incide sobre o grau de tomada de posição do locutor em relação aos enunciados, bem como sobre a identidade e implicação dos co-enunciadores (*ethos* e *pathos*).

Em suma, a observação destes componentes dos textos integrantes do nosso *corpus* conduziu à consideração das *Mensagens de Final de Ano* como um género discursivo, na medida em que apresenta um modelo organizativo relativamente estabilizado, perpassa várias atividades (religiosa, política, empresarial...) e está dependente da evolução socio-histórica. Este novo género caracteriza-se pela apresentação das metas alcançadas no ano que termina e dos novos objetivos para o ano que se inicia. No caso da atividade política, esta prestação de contas tem como objetivo assegurar a adesão do auditório ao programa político do governo, o que implica que o orador, ao longo da exposição, assumira um estilo próprio, a partir do qual extravasam diferentes figurações, dependendo dos argumentos e dos efeitos que pretende promover no seu ouvinte.

4.3. ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

Os textos foram submetidos a uma análise linguístico-textual que recaiu sobre os seguintes elementos: marcadores da responsabilização enunciativa (RE) e tipos de atos de fala (Adam,

2008), sequências prototípicas, estruturas argumentativas e índices de polifonia (Ducrot, 1984).
Todavia, a análise apresentada nesta contribuição incidirá sobre os dois primeiros elementos.

4.3.1. A MATERIALIDADE LINGUÍSTICA

A identificação das marcas linguísticas resultou no reconhecimento de múltiplos *ethè* que pontuavam os textos. Algumas destas marcas revelaram-se similares nas duas variantes em análise (portuguesa e brasileira), porém outras díspares, o que levou à conclusão da existência de *ethè* que se materializam linguisticamente de forma diferente. Para um melhor entendimento deste fenómeno, proceder-se-á seguidamente à exposição da análise aplicada dos critérios linguísticos previamente descritos em excertos retirados do *corpus*, processo que conduziu à identificação dos *ethè*.

(1) PT2012: A esmagadora maioria das medidas que faziam parte do nosso programa está já concluída ou em fase de conclusão. Criámos uma relação de grande confiança com as instituições internacionais responsáveis por esse programa. Transformámos alguns aspetos da nossa economia que sempre tinham sido obstáculos ao investimento e à criação de riqueza e que em muitos casos se mantinha fechada à participação de todos. Iniciámos um processo de reforma das estruturas e funções do Estado, um processo tantas vezes adiado, aqui como noutros países, mas que é agora inadiável, para nós como para os nossos parceiros europeus.

(2) BR2012: Com o Pronatec, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego, já oferecemos 2,5 milhões de vagas para os jovens e para os trabalhadores. São cursos profissionalizantes e de capacitação oferecidos em parceria com o Sistema S e com os estados. Cursos de qualidade que dão aos alunos as chances de progredir no trabalho ou conseguir um emprego melhor.

Em (1), o enunciado inicia-se com a frase [A esmagadora maioria das medidas que faziam parte do nosso programa está já concluída ou em fase de conclusão.], na qual houve uma escolha deliberada do léxico em especial do adjetivo [esmagadora] que enfatiza a eficácia do governo na implementação das medidas estipuladas no programa eleitoral. Por outro lado, o

uso de frases declarativas afirmativas marca o recurso a atos assertivos e à modalidade epistémica, nos quais o locutor se compromete com a verdade do seu enunciado. Relativamente às marcas de RE, observou-se o recurso à passiva de estado [está já concluída], indicando o resultado da ação, e do pretérito perfeito do indicativo [criámos, transformámos, iniciámos], que estabelecem a atuação do governo como totalmente terminada. Também neste âmbito, a utilização dos verbos na 1.^a pessoa do plural [criámos, transformámos] e dos pronomes possessivos na mesma pessoa [nosso programa] revelam que o locutor se posiciona como um ser coletivo, isto é, como o governo. Ainda neste excerto, particularmente nas últimas duas frases, verifica-se que a demonstração de competência é construída pelo contraponto com uma ação do passado [sempre tinham sido obstáculos ao investimento e à criação de riqueza; um processo tantas vezes adiado], estratégia frequentemente utilizada nos debates políticos⁵.

À semelhança das mensagens portuguesas, também nas brasileiras se procede à apresentação de uma súmula das conquistas alcançadas, conforme se pode ver em (2). Porém, nos exemplares textuais brasileiros denota-se uma pormenorização das medidas [abreviatura e nome: Pronatec, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego] e dos resultados obtidos [2,5 milhões de vagas para os jovens e trabalhadores]. Da análise linguística destes excertos, desponta um *ethos competente*, que se revela capaz de implementar as medidas propostas previamente.

(3) PT2011: As reformas que o Governo vai executar foram pensadas para fazer dos homens e das mulheres de todo o País os participantes ativos na transformação e na recuperação de Portugal.

(4) PT2012: A minha obrigação neste momento é oferecer uma dupla garantia. Primeiro, a de que todos foram e continuarão a ser chamados a participar neste esforço nacional. Segundo, a de que todos beneficiarão das novas oportunidades que criaremos nos próximos anos.

5. A este propósito, recomenda-se a leitura do artigo “Arrogância e construção do *ethos* no discurso político português”, de Marques (2008).

(5) BR2012: No começo de 2013, vamos entregar mais quatro estádios, que serão palco da Copa das Confederações. Entramos na reta final de preparação para realizar a melhor Copa do Mundo de todos os tempos. Uma Copa que será um sucesso, dentro e fora dos gramados.

(6) BR2012: Até 2014, serão 101 mil brasileiros beneficiados por esse programa. [...] No começo de 2013, vamos entregar mais quatro estádios, que serão palco da Copa das Confederações. Entramos na reta final de preparação para realizar a melhor Copa do Mundo de todos os tempos. Uma Copa que será um sucesso, dentro e fora dos gramados.

Em todos os excertos acima apresentados, é possível observar o uso do futuro imperfeito [continuarão] ou da perífrase de futuro ir + infinitivo, [vai executar, vamos entregar] indicando a intenção de realizar a ação. A utilização deste tempo verbal é característica dos atos compromissivos, que vinculam o locutor à realização de uma ação futura. Associado ao tempo verbal, surgem, em diversos momentos, expressões temporais que determinam claramente o período de implementação das medidas/promessas [No começo de 2013..., Até 2014], fenómeno mais frequente nas mensagens brasileiras do que nas portuguesas.

No exemplo (4), a frase inicial mostra, de forma evidente, o compromisso do locutor, através do léxico com valor deôntico [a minha obrigação é oferecer uma dupla garantia]. Para além disso, verifica-se que nestes excertos se promove, de novo, o uso da 1.^a pessoa do plural, personificando o governo, o que concorre para a construção de um *ethos agente*, comprometido com a realização de determinadas ações no futuro.

(7) PT2011: Estou bem consciente dos problemas que tantos enfrentam, sobretudo o dos jovens que querem começar a realizar os seus sonhos e os daqueles mais velhos que, apesar do capital acumulado de saber e de experiência, se veem afastados do mercado de trabalho. Estou bem consciente das desigualdades e das injustiças de tantos aspetos da sociedade portuguesa.

A estrutura inicial de (7) [Estou bem consciente dos problemas que tantos enfrentam] denota um valor subjetivo, pois trata-se do assumir de um posicionamento pessoal, e simultaneamente epistémico, na medida em que há um comprometimento por parte do locutor relativamente à assunção do conhecimento do estado do país. O reconhecimento desta situação é reforçado pelo recurso a frases declarativas, que tipificam os atos ilocutórios assertivos, pelo advérbio [bem] e também pela descrição das situações experienciadas pelos concidadãos. Se, por um lado, a expressão da consciência pode ser tomada como uma falsidade pelo interlocutor, a exposição dos problemas, iniciada pelo conector [sobretudo], vem rebater esse pensamento, pelo que se parece tratar de uma escolha argumentativa deliberada. A escolha lexical também não foi arbitrária; o recurso a expressões vocabulares como [problemas que tantos enfrentam, mais velhos afastados do mercado de trabalho, desigualdades e injustiças] revela compaixão pela realidade que muitos vivem. O uso de índices de 1.^a pessoa do singular, do presente do indicativo [Estou], que localiza temporalmente o locutor face ao enunciado, bem como das marcas linguísticas previamente indicadas, colaboram na construção de um *ethos consciente e solidário*, que se manifesta, por um lado, conhecedor da realidade dos cidadãos que governa e, por outro, compassivo.

(8) BR2011: A maioria dos brasileiros vai poder dizer isso nesta virada de ano, e, como Presidenta, me sinto feliz de compartilhar esse sentimento. Igual a cada um de vocês, ainda estou longe de me sentir satisfeita. Mas tenho cada vez mais convicção de que podemos e vamos avançar muito mais.

Já em (8) há uma vontade de demonstrar que locutor e interlocutor se encontram na mesma posição, facto marcado pelo verbo [compartilhar] e pela escolha vocabular [igual a cada um de vocês]. Nas duas últimas frases que constituem este excerto, o locutor declara a sua apreciação (modalidade apreciativa) em relação ao estado da realidade: primeiro expressa que está longe de se sentir satisfeita; segundo, que está convicta da capacidade de trabalho do interlocutor.

(9) PT2011: Nestes últimos 6 meses, desde que tomei posse, ouvi muita gente de todo o País. Muitas pessoas partilharam comigo as suas ansiedades por dívidas que não conseguiam pagar, frustrações por oportunidades que não aparecem, preocupações com o futuro dos seus filhos. Muito do que eu ouvi reflete bem os tempos difíceis que vivemos. Mas também ouvi muitas palavras de coragem, de tenacidade e de esperança. Escutei muitos testemunhos de nobreza perante a adversidade de gente que não desiste, nem se resigna.

Por fim, no excerto (9) denota-se o recurso a verbos que suportam percepções, como [ouvi] e [escutei], na 1.^a pessoa do singular das formas verbais e pronominais. Estas formas verbais encontram-se no pretérito perfeito do indicativo e, juntamente com as expressões temporais [Nestes últimos 6 meses, desde que tomei posse], localizam a ação num tempo passado em relação ao momento de pronúncia da mensagem. A oração temporal [desde que tomei posse] é fundamental para construir um *ethos solidário*, um ser que se mostra atento às necessidades dos outros desde que começou a exercer funções, que partilha as suas ideias e os seus problemas, que ouve os seus desabafos e que, no fim, se responsabiliza para reverter a situação. De salientar que estas marcas linguísticas ocorrem, sobretudo, nas partes iniciais e finais dos discursos, claramente enquanto estratégia para persuadir o interlocutor.

(10) PT2012: Já o disse, e torno hoje a dizê-lo: para mim não existe forma mais elevada de coragem do que aquela que tem sido diariamente demonstrada pelos Portugueses. Não existe forma mais elevada de coragem do que enfrentar diariamente novas dificuldades, sem nunca desespearar. Sem fingir que estas dificuldades não existem. Sem as empurrar para outros. Sem renunciar às nossas responsabilidades, que subitamente se tornaram mais pesadas.

(11) BR2012: Queridas brasileiras e queridos brasileiros, estamos chegando ao Natal e, em breve, um novo ano se iniciará. Mesmo com o mundo cheio de incertezas, tivemos um ano bom e plantamos as bases para que o próximo seja ainda melhor. Trabalhamos todos com afincamento e dedicação para deter os efeitos da crise internacional sobre o nosso país. Ao olhar 2012 em retrospectiva, vemos que continuamos crescendo e aprofundamos nossas grandes conquistas. Os resultados deste ano falam por si. Começamos pelo mais espetacular.

No excerto (10), utiliza-se a 1.^a pessoa do singular nas formas verbais [disse, torno] e pronominais [para mim], o que revela uma individualização do locutor. Relativamente à polaridade temporal aqui manifestada, presente e pretérito perfeito do indicativo, importa frisar que se trata de uma opção argumentativa para revelar que o sentimento no presente se mantém inalterado em relação ao passado. A escolha lexical [forma mais elevada de coragem..., enfrentar novas dificuldades, sem nunca desesperar], a menção do destinatário de tal elogio [Portugueses] e, inclusivamente, a estrutura paralelística [para mim não existe forma mais elevada de coragem... Não existe forma mais elevada de coragem...; sem nunca desesperar... Sem fingir... Sem as empurrar... Sem renunciar], foram utilizadas para jogar com as emoções do interlocutores e para construir um *ethos orgulhoso* dos seus compatriotas, neste caso, ou do seu governo. Embora aqui se apresentem as marcas características de atos assertivo, deve-se ressaltar que a partir da leitura integral do texto, se parece estar na presente de atos expressivos.

Os elementos linguísticos identificados no excerto (11) também conduziram ao reconhecimento do mesmo *ethos*, de entre os quais se destaca o uso da 1.^a pessoa do plural nas formas verbais [tivemos, trabalhamos, vemos]. Ao optar por este marcador de pessoa, o locutor posiciona-se ao lado do seu interlocutor e manifesta que o sucesso obtido foi em virtude do trabalho e da dedicação de todos, enquanto comunidade. A apóstrofe inicial [Queridos brasileiros e Queridas Brasileiras] abre a mensagem com um tom familiar, criando um ambiente propício à empatia entre locutor e interlocutor. Os argumentos apresentados também são importantes para o surgimento do *ethos orgulhoso*: o locutor sente-se orgulhoso de terem tido um ano bom, de terem plantado as bases para o futuro, de terem continuado a crescer, graças ao trabalho e à dedicação de todos os brasileiros. O uso do adjetivo [espetacular] a terminar esta argumentação não parece aleatório, pois reforça o sentimento em relação a todas as conquistas.

(12) PT2012: Nalguns aspetos temos de continuar o trabalho que fizemos até aqui. Noutros temos certamente de melhorar, e noutros ainda haverá novas tarefas no futuro próximo.

A escolha lexical na frase inicial [Nalguns aspetos temos de continuar o trabalho] ou [Noutros temos certamente de melhorar], o advérbio modal epistémico [certamente], demonstrativo da consciência do locutor das falhas do seu programa ou da sua atuação, e a perifrástica [temos de continuar; temos de melhorar] com valor deôntico, revelam um locutor que assume as suas falhas e que reconhece a obrigatoriedade de mudança. Verifica-se também que a utilização da 1.^a pessoa do plural em [temos, fizemos, tínhamos] foi propositada, na medida em que pretende mostrar que a entidade governo, encabeçada pelo locutor individual real Passos Coelho, é possuidora de humildade. A polaridade temporal (presente, passado e futuro) deste excerto também é muito revelante, pois demonstra o reconhecimento da necessidade de continuar a trabalhar, ao mesmo tempo que assume no presente, perante o interlocutor, o compromisso de o fazer no futuro. Por tudo o exposto, considera-se que este excerto é indicativo de um *ethos humilde*, virtude bastante valorizada nas sociedades portuguesa e brasileira.

6. A propósito do uso da primeira pessoa do plural, uma das marcas da Responsabilidade Enunciativa, Geffroy (1985) procedeu à seguinte classificação: nós de modéstia/majestade; nós de locutor coletivo, falando em nome de um grupo estatutário; nós ideológico ou partidário, em que existe uma confluência de ideais; nós nacional, apelando à união da comunidade. Este “nós” opõe-se ao “vós” que corresponde aos adversários políticos; nós pseudo-dialógico, convocando figuras do discurso (alguns dos quais históricos) que não devem ser confundidas com o público real; nós nacional, apelando à união da comunidade.

(13) PT2012: Quando este Governo tomou posse, Portugal tinha acabado de assinar um programa de ajuda financeira com instituições internacionais, um programa cujo valor global equivalia a quase metade de toda a riqueza que produzimos num ano.

(14) BR2011: A maioria dos brasileiros vai poder dizer isso nesta virada de ano, e, como Presidenta, me sinto feliz de partilhar esse sentimento. [...] O governo acaba de reduzir para zero o PIS-Cofins sobre massas, farinha e pão. Reduzimos, também, o IPI sobre geladeiras, fogões e máquinas de lavar, para baratear o custo desses produtos. [...] Até o final do nosso governo, vamos fazer o maior esforço para retirar da miséria os 16 milhões de brasileiros que ainda vivem na pobreza absoluta.

(15) BR2012: Este é um governo que confia no seu povo... Estamos realizando concessões para portos, aeroportos, rodovias e ferrovias em uma dimensão nunca feita.

Estes excertos são indicativos da utilização frequente da 1.^a pessoa do plural, tanto nas formas verbais [produzimos, reduzimos], como nos pronomes [nosso governo], e de expressões

ou vocábulos que mencionam diretamente o cargo governativo exercido, nomeadamente [desde que tomei posse, como Presidenta, governo]. Nestes casos, a 1.^a pessoa do plural é representativa de um “nós locutor coletivo”⁶, como classifica Geffroy (1985), pretendendo simbolizar o grupo estatutário - governo. Esta distinção do valor do “nós” é fundamental, pois em outros momentos discursivos surge um “nós de locutor coletivo”, que pretende ilustrar a comunidade. A observação de diferentes tipos de atos (assertivos, compromissivos, declarativos) nestes excertos revela que o *ethos institucional*, porta-voz de um grupo, neste caso, do governo, é uma imagem que perpassa ao longo de todo o texto e que deve ser considerado sempre em concomitância com outras.

4.3.2. ESPECIFICIDADES LINGUÍSTICAS EM *ETHÈ* COMUNS

Os dados resultantes do estudo da materialidade linguística revelaram que se podia construir o mesmo tipo de *ethos*, a partir de elementos linguísticos distintos, fenómeno que será demonstrado de seguida.

(16) PT2012: Conseguimos mesmo, pelo segundo ano consecutivo, atualizar as pensões mínimas acima da inflação.

(17) BR2011: O Brasil sem Miséria retirou 16,4 milhões brasileiros da pobreza extrema. Isso foi possível porque criamos a ação Brasil Carinhoso, uma nova forma de proteger crianças e jovens. Estamos complementando o Bolsa Família, garantindo uma renda de R\$ 70 por pessoa para famílias muito pobres com filhos de zero a 15 anos. Enfrentamos, com essa ação, a raiz da desigualdade. Protegendo as crianças e os jovens estamos construindo um futuro melhor para o Brasil. A continuidade da expansão do emprego no Brasil também é uma grande conquista. Somente até outubro deste ano, criamos 1,7 milhão novos postos de trabalho.

Partindo da análise de (16) e (17) pode-se constatar que, tanto o recurso à passiva de estado [está concluída] e ao pretérito perfeito do indicativo, associado à apresentação das

medidas genéricas concretizadas pelo governo, como o uso da perífrase estar + gerúndio, [estamos complementando], indicando continuidade da ação, concorrem para a construção do *ethos competente*. Outra diferença linguística diz respeito ao uso de expressões temporais, uma vez que as mensagens portuguesas são bastante parcias na utilização destes elementos, por oposição às brasileiras [Somente até outubro deste ano]. A nível argumentativo, a opção de incluir nas mensagens brasileiras as medidas não concluídas e os seus resultados, informação que não consta das mensagens portuguesas, pode ser uma estratégia política, na medida em que enfatiza a capacidade de agir do governo e revela o volume de trabalho.

As diferenças linguísticas estão também presentes nos seguintes excertos:

(18) PT2011: Queremos colocar as pessoas, as pessoas comuns com as suas atividades, com os seus projetos, com os seus sonhos, no centro da transformação do País. [...] Para construir a sociedade de confiança que queremos temos de reformar a Justiça, temos de tornar muito mais transparentes a máquina administrativa e as decisões públicas, temos de abrir a concorrência, agilizar a regulação e acelerar a difusão de uma cultura de responsabilidade no Estado, na economia e na sociedade.

(19) BR2011: Juntos, nós, brasileiros, vamos continuar melhorando económica, social e politicamente e reforçando nossos valores morais e éticos. Vamos continuar transformando o presente e construindo um belo futuro para nossos filhos e netos.

No exemplar (18), observou-se o uso de atos diretivos, cujo objetivo ilocutório é conduzir o interlocutor no sentido de o incitar à ação. Estes atos estão marcados linguisticamente pela expressão volitiva querer + verbo [queremos colocar], pela frase complexa [Para construir a sociedade de confiança que queremos, temos de reformar a Justiça...], do tipo fim-meio, associado à perífrase ter de + infinitivo [temos de reformar], com valor deôntico. Ao nível dos índices de pessoas verificou-se a alternância entre o “nós nacional”, nas formas verbais da primeira frase, e o “nós de locutor coletivo”, nas restantes, ambos materializados pela 1.ª pessoa do plural. Esta mudança justifica também o caráter diretivo do enunciado, na medida em que transporta para o interlocutor a responsabilidade de agir. Ainda no primeiro exemplo,

7. Esta classificação foi nomeada por Charaudeau (2013), aquando da sua tipificação dos *ethè*.

considera-se que a utilização da estrutura paralelística gradativa [temos de reformar... temos de tornar... temos de abrir] funciona também como estratégia persuasiva diretiva.

Por seu turno, em (19), o uso da estrutura apostrófica adjetivo, pronome, nome [juntos, nós, brasileiros], seguido da perífrase de continuidade no futuro [vamos continuar melhorando, vamos continuar transformando], demonstra não só a crença na continuidade da ação do interlocutor, como a obrigatoriedade de o fazer. Neste caso, a utilização do futuro, é uma marca do tipo de ato diretivo. Ambos os excertos representam o *ethos guia-pastor*⁷.

4.3.3. ESPECIFICIDADES LINGUÍSTICAS CARACTERIZADORAS DE *ETHÈ* PARTICULARES

Se, por um lado, os dados obtidos mostraram que diferentes materialidades linguísticas podiam gerar o mesmo tipo de *ethos*, por outro, fizeram transparecer *ethé* próprios de cada estadista. São essas diferenças linguísticas que a seguir se discutem.

(20) PT2012: Ainda não podemos declarar vitória sobre a crise, mas estamos hoje muito mais perto de o conseguir. É uma condição essencial para sermos vitoriosos sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios. [...] Cumpre agora garantir que ninguém sairá desta crise sem a capacidade plena de aproveitar essas oportunidades. Ninguém que esteve presente nos piores momentos da crise, com a sua coragem e o seu esforço, será deixado para trás nos anos de oportunidade que temos pela frente.

Encontraram-se, exclusivamente nas mensagens de final de ano portuguesas, expressões e vocábulos militares [declarar vitória, sermos vitoriosos, ninguém será deixado para trás]. Para além destas, identificaram-se verbos declarativos [declarar] e compromissivos [cumprir], típicos dos atos ilocutórios com o mesmo nome, com valor deôntico de obrigação, e formas verbais no futuro imperfeito [sairá, será], o que revela, primeiramente, um incitamento à ação

e, secundariamente, a autoridade para o fazer. A frase complexa do tipo objetivo-condição [E uma condição essencial para sermos vitoriosos sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios] constitui, também, uma forma implícita de conduzir o interlocutor. Por tudo isto, considerou-se que existe neste excerto um *ethos de comandante*.

(21) BR2011: Nada melhor para uma mãe, ou para um pai de família, quando, numa noite de natal, pode dizer a seus filhos: "apesar das dificuldades, graças a Deus, esse foi um ano bom; e, com certeza, o próximo será ainda melhor". A maioria dos brasileiros vai poder dizer isso nesta virada de ano, e, como Presidenta, me sinto feliz de compartilhar esse sentimento.

A partir do vocabulário utilizado neste excerto, designadamente as palavras pertencentes aos campos semânticos da família [mãe, pai de família, filhos] e da religião [graças a Deus], bem como o recurso ao discurso direto ["apesar das dificuldades, graças a Deus, esse foi um ano bom; e, com certeza, o próximo será ainda melhor"] e a atos expressivos, percebe-se que há uma tentativa de estabelecer uma aproximação com o interlocutor por meio de um tom mais popular. Em virtude desta análise, entende-se que neste excerto se fabricam os *ethè familiar e religioso*.

Nestes *ethè* específicos (comandante, familiar e religioso) há uma evidente tentativa de inflamar as emoções do interlocutor, provando-se que, muitas vezes, o *pathos* pode ajudar na construção do *ethos*.

Em síntese, os dados obtidos pela análise linguístico-textual das mensagens determinaram a existência prolífera de marcadores quer da responsabilidade enunciativa, quer dos atos de fala, a partir dos quais se deduziu a presença de diferentes tipos de *ethè*. Na tabela que se seguem são apresentadas, sumariamente, as materializações linguísticas que determinam cada *ethè*, juntamente com uma breve definição dos mesmos.

Tipo de <i>ethè</i>	Definição	Materialização linguística
Ethos humilde	Reconhece os seus erros, faltas e defeitos.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural no presente do indicativo; ▪ Escolha lexical; ▪ Advérbio modal epistémico; ▪ Penfrástica ter de + infinitivo com valor deontico de obrigação.
Ethos competente	Apresenta a prova da sua competência em executar as medidas propostas e do seu domínio sobre diversas matérias.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural; ▪ Passiva de estado e pretérito perfeito do indicativo ou penfrástica de continuidade.
Ethos consciente	Compreende a realidade dos factos e da situação vivida pelos seus concidadãos.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo; ▪ Escolha lexical;
Ethos agente	Compromete-se com a realização futura de ações e com a aplicação de determinadas medidas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural; ▪ Verbos no futuro ou em tempos verbais com o mesmo valor; ▪ Expressões temporais; ▪ Léxico com valor deontico de obrigação.
Ethos orgulhoso	Revela-se orgulhoso dos feitos dos seus compatriotas ou do seu governo.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical.
Ethos solidário	Revela-se atento às necessidades dos outros; partilha as suas ideias e os seus problemas; responsabiliza-se para reverter a situação.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical; ▪ Verbos que suportam percepções.
Ethos guia-pastor	Institui-se com um guia que indica o caminho a seguir.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural; ▪ Frase complexa do tipo fim-meio; ▪ Perífrase ter de + infinitivo com valor deontico ou continuar + gerúndio, expressando continuidade; ▪ Apóstrofe.

Ethos solidário	Revela-se atento às necessidades dos outros; partilha as suas ideias e os seus problemas; responsabiliza-se para reverter a situação.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical; ▪ Verbos que suportam percepções.
Ethos guia-pastor	Institui-se com um guia que indica o caminho a seguir.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural; ▪ Frase complexa do tipo fim-meio; ▪ Perífrase ter de + infinitivo com valor deontico ou continuar + gerúndio, expressando continuidade; ▪ Apóstrofe.
Ethos institucional	Constitui-se como porta-voz de um grupo estatutário.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural nas formas verbais e pronominais; ▪ Escolha lexical.
Ethos comandante	Constitui-se como líder. Comanda as massas e, simultaneamente, responsabiliza-se por elas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do plural no futuro; ▪ Escolha lexical (campo semântico militar) ▪ Verbos declarativos e compromissivos ▪ Futuro imperfeito
Ethos religioso	Deixa transparecer a sua religiosidade e a sua fé.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical (campo semântico da religião); ▪ Discurso direto;
Ethos familiar	Expõe o seu respeito pelo valor da Família.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.ª pessoa do singular; ▪ Escolha lexical (campo semântico da família); ▪ Discurso direto;

5. REFLEXÕES PRELIMINARES

A análise linguístico-textual aplicada às “Mensagens de Final de Ano” pronunciadas por estadistas portuguesas e brasileiros permitiu identificar a existência de *ethè* comuns, em particular de competência, de potência e de chefe, mas cuja materialização linguística pode diferir. A nível linguístico, constatou-se, então, que a construção do *ethos* competente, nas mensagens

portuguesas, faz-se pelo recurso à perífrase “estar + particípio passado” ou “estar em fase de conclusão”, indicando uma ação terminada, enquanto o mesmo *ethos* é construído nas mensagens brasileiras através da perífrase “estar + gerúndio” que indica continuidade da ação ao qual se soma a utilização de expressões temporais [Até 2014; No começo de 2013]. Relativamente às diferenças argumentativas, observou-se que nas mensagens portuguesas existe a indicação das medidas gerais implementadas, ao passo que nas brasileiras se procede à identificação detalhada.

Após reflexão, coloca-se a hipótese de estas diferenças linguísticas poderem representar especificidades culturais. Reportemo-nos, por exemplo, ao modo como se posicionam em relação à situação comunicativa e ao interlocutor (referimo-nos aqui ao uso da 1.^a pessoa do plural ou do singular).

A mesma questão cultural parece justificar a existência de *ethè* específicos a cada chefe de governo. No caso português destaca-se a construção do *ethos* comandante, marcado linguisticamente pelo uso de referências militares, por verbos declarativos e por atos assertivos, bem como pela utilização de estruturas textuais que apelam à unicidade da pátria [Devemos lembrar as comunidades portuguesas e todos os emigrantes no estrangeiro, ou os nossos militares em missões noutras regiões do planeta], à defesa da comunidade [ninguém que esteve presente nos piores momentos da crise (...) será deixado para trás].

Em suma, a identificação de diferentes *ethè* e das diferenças materiais em *ethè* comuns lança a questão sobre a influência da cultura no processo constitutivo das imagens do sujeito discursivo. Por este motivo, pretende-se, em estudos futuros, estudar a relação entre a cultura e o *ethos*, uma vez que se considera, à semelhança de Kerbrat-Orecchioni (2002), que a língua é uma forma de exprimir a cultura, logo o *ethos* discursivo é, também, um veículo de cultura.

REFERÊNCIAS

- Adam, J-M. (2001). “En finir avec les types de textes”. In: Ballabriga, M. (dir). *Analyse des Discours Types et genres: communications et interprétations*. Toulouse: Editions Universitaires du Sud.
- _____(2008). *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez.
- Amossy, R. (2005). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto.
- Aristóteles (1998). *Retórica*. (P. F. A. & A. do N. P. trad. e notas de Manuel Alexandre Júnior, Ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Austin, J. (1986). *How to do things with words*. Oxford: University Press.
- Barthes, R. (2009). *La aventura semiológica*. Barcelona: Editorial Paidós.
- Charaudeau, P. (2013). *Discurso Político*. São Paulo: Contexto.
- Cornilliat, F., Lockwood, R. (2000). *Ethos et Pathos: le statut du sujet rhétorique: actes du Colloque International de Saint-Denis*, Paris, 1997. Paris: Honoré Champion.
- Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.
- Geffroy, A. (1985). “Les nous de Robespierre ou le territoire impossible”. In: *Mots*, mars 1985, Nº10. Numéro spécial. *Le nous politique* (pp. 63-90). (Retrieved from http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mots_0243-6450_1985_num_10_1_1185)
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2002). “Système linguistique et ethos communicatif”. In: *Cahiers de praxématique*, 38, (pp. 35-57). (Retrieved from <http://praxematique.revues.org/540>).
- Maingueneau, D. (2008). A propósito do ethos. In: Motta, A. R. & Salgado, Lu. (Eds.), *Ethos Discursivo* (pp. 11-29) São Paulo: Contexto.
- Menéndez, F. (2007). “Salazar ou a conquista discursiva do poder”. In: *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, (pp. 1-12). (Retrieved from <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo111.pdf>)
- Marques, M. A. (2007). “Comentário jornalístico político: interpretação de outros discursos e argumentação”. In: *Revista Diacrítica*, 21.1 (série Ciências da Linguagem), (pp. 127-1429). Minho: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. (Retrieved from http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_21-1.pdf)

Marques, M. A. (2008). “Arrogância e Construção do ethos no Discurso Político Português”. In: *Actas do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso*, Brasil: Belo Horizonte (pp. 1-10). (Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/27048>).

Perelman, C. & Tyteca, L. *O tratado da argumentação – A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Pinto, R. (2010). *Como argumentar e persuadir. Prática política, jurídica e jornalística*. Lisboa: Quid Juris.

Searle, J. R. (1981). *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

